



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

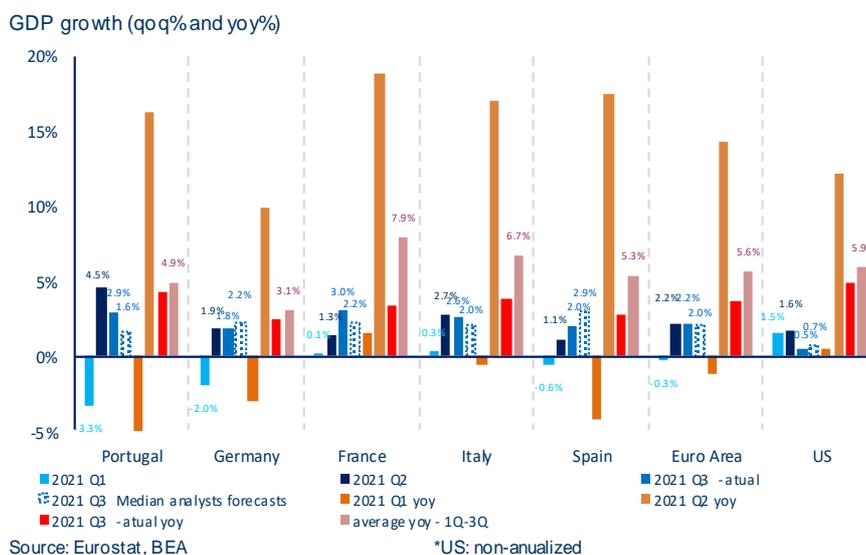
1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

OIT. Segundo a **Organização Internacional do Trabalho**, apesar do levantamento das restrições e da distribuição de vacinas, o hiato no mercado de trabalho mundial é ainda de 125 milhões de empregos tendo em consideração os valores observados antes da pandemia, em 2019. O número de horas trabalhadas no mundo diminuiu 4.3% em 2021, o que representa uma revisão em alta face a 3.5% projetado em junho, equivalente a um *gap* de 100 milhões de empregos.

Portugal. De acordo com o INE, o valor mediano de **avaliação bancária na habitação** foi de €1236/m² no mês de setembro, uma subida de 15 euros face a agosto. Em termos homólogos, a taxa de variação situou-se em 9.6%, mais 1.4 p.p. do que no mês precedente. Por tipos de habitação, destaca-se o crescimento de 11.0% nos *apartamentos*, para €1369/m², enquanto nas *moradias* os preços aumentaram 4.7%, fixando-se em €998/m². De acordo com o **Inquérito de Conjuntura às Empresas e aos Consumidores**, a *confiança dos consumidores* decresceu 1.1 pontos em outubro, passando para -11.0. No mesmo mês, o indicador de *clima económico* aumentou de 1.6 para 2.4 pontos, atingindo o nível pré-pandemia (fevereiro de 2020). Os indicadores de confiança subiram nos setores da Construção e Obras Públicas, Comércio e Serviços, sobretudo no último caso com +5.0 pontos, para 12.9, o máximo desde junho de 2019. Em sentido contrário, o indicador de confiança na Indústria desceu.

PIB Europa. De acordo com a estimativa rápida para o **PIB** do terceiro trimestre, Portugal registou um crescimento em cadeia de 2.9%, após 4.5% no trimestre anterior. Em termos homólogos, a variação foi de 4.2%, uma moderação face aos 16.1% do 2º trimestre. Este resultado é influenciado pela dissipação do efeito base do ano anterior. Em comparação com o 2º trimestre verificou-se um contributo positivo da procura externa e um contributo menos acentuado da procura interna. O nível de atividade permanece ainda 3.1% abaixo do de final de 2019. Em relação à Área Euro, a variação em cadeia foi de 2.2% (mais 0.1 p.p. vs. 2ºT) situando-se ainda a -0.5% do valor pré-Covid19. Salienta-se entre os principais países o crescimento em França (3.0%), o que levou a que o nível do PIB alcançasse os valores pré-pandemia.



Área Euro. O Indicador de Sentimento Económico, divulgado pela Comissão Europeia, subiu 0.8 pontos, para 118.6 em outubro, após 117.8 em setembro, quando as expectativas apontavam para uma queda. Assim, o indicador permanece próximo do máximo de 119.0 atingido em julho. Para este resultado contribuíram positivamente o setor dos *serviços* (18.2 pontos, após 15.2 em setembro), *construção* (8.9 vs 7.5) e *retalho* (2.0 vs 1.4), enquanto o sentimento *industrial* permaneceu inalterado (14.2 vs 14.1) e a confiança dos consumidores diminuiu ligeiramente (-4.8 vs -4.0). Todos os setores tiveram novos máximos na componente das expectativas de preços de venda e ao consumidor. Na maioria dos países observou-se uma melhoria, destacando-se as subidas em Espanha (+2.5, para 111.9) e França (+2.1, para 113.3), enquanto na Alemanha o sentimento deteriorou-se (-0.5, para 117.5). Segundo o Eurostat, a **inflação no consumidor** acelerou de forma significativa em outubro com uma variação mensal de 0.8%, ao que corresponde a 4.1% em termos homólogos, após 3.4% no mês anterior. Este é o ritmo mais acentuado desde julho de 2008. O maior contributo proveio da componente energética, a qual passou de 17.6% para 23.5%, pelo que expurgado desse fator, a inflação foi de 1.9%. Noutros agregados, salienta-se a variação nula da componente dos serviços (em termos mensais). O BCE divulgou os resultados do **Survey of Professional Forecasters (SPF)** do 4º trimestre, nos quais as previsões apontam para níveis de inflação da Área Euro mais elevados face às previsões anteriores, situando-se em 2.3% (+0.4 p.p.), 1.9% (+0.4 p.p.) e 1.7% (+0.2 p.p.) para 2021, 2022 e 2023, respetivamente, justificado principalmente pelo aumento dos preços da energia e pelo impacto das tensões nas cadeias de abastecimento. No longo prazo (2026), a inflação subiu de 1.8% para 1.9%, próximo do objetivo do BCE. O crescimento do PIB foi revisto de 4.7% para 5.1% em 2021, enquanto para 2022, o SPF espera um ritmo mais moderado com 4.5% (-0.1 p.p., 2.2% em 2023).

EUA. De acordo com a estimativa avançada do BEA, o **PIB real** registou um crescimento (em cadeia e anualizado) de 2.0% no terceiro trimestre de 2021, uma moderação significativa após 6.7% no trimestre anterior, no entanto, esperada devido ao impacto contínuo da pandemia, desvanecimento de algumas políticas de apoio e às disrupções nas cadeias de fornecimento. O consumo privado abrandou de forma significativa, com um contributo negativo do consumo de bens compensado pelo consumo de serviços. O investimento fixo contraiu devido à componente residencial. Excluindo o contributo das variações de inventários privados, o crescimento do PIB seria nulo. As exportações líquidas contraíram.

Bancos Centrais. O **Banco Central do Brasil** aumentou a taxa de juro diretora em 150 p.b., passando para 7.75%, em função do aumento da taxa de inflação, tanto nas componentes mais voláteis, como em algumas categorias “*core*”. O **Banco do Canadá** terminou antecipadamente o programa de compra de ativos e sinalizou possíveis subidas da taxa de juro diretora na segunda metade de 2022, a qual foi mantida inalterada em 0.25%. O racional para esta alteração da política monetária prende-se com as pressões inflacionistas, originadas nos preços dos bens energéticos e nos constrangimentos das cadeias de produção, que se revelam mais persistentes que o antecipado.

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 29 de outubro às 12h00)

Nos mercados financeiros, o mês de outubro ficou marcado pela maior exposição ao risco por parte dos investidores. O contexto macroeconómico global continua a ser positivo, apesar de um ligeiro abrandamento da China e aumentos das pressões inflacionistas. A recuperação do mercado de trabalho deverá continuar a sustentar a elevada procura por parte das famílias, bem como o investimento das empresas, traduzido nos fortes resultados empresariais nos EUA e Europa.

Nos **mercados monetários**, a variação das taxas Euribor nos principais prazos de referência ficou compreendida entre -0.8 p.b., a 3 meses (-0.553%), e +3.3 p.b., a 12 meses (-0.455%). No segundo caso, o valor corresponde ao máximo desde outubro de 2020, ao contrário dos prazos mais curtos que continuam a apresentar variações negativas em 2021, refletindo a expectativa de manutenção das condições de liquidez acomodaticias. Na curva de futuros da Euribor a 3 meses observou-se uma

subida ês em todas as maturidades, com valores negativos até março de 2023 e a taxa no vencimento de junho/2026 a fixar-se em +0.325%.

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** terminaram o mês com subidas generalizadas ao longo da curva de rendimento, observando-se um aumento da inclinação. Apesar do BCE apresentar um discurso menos restritivo de momento, as preocupações com as pressões inflacionistas e a expectativa de agravamento da política monetária continuam a dominar as atenções, traduzindo-se na queda dos preços das obrigações.

As taxas de juro, a 10 anos, registaram uma variação compreendida entre +2.1 p.b. no Reino Unido (1.04%) que tem assistido a um crescimento de preços superior à Área Euro, e +44.3 p.b. na Grécia (1.32%). Na Alemanha, a *yield* fixou-se em -0.10% (+10 p.b.) e muito perto do máximo anual. Já em Portugal, o incremento foi de 18.3 p.b., para 0.54%, o valor mais alto desde maio, com o *spread* face à *bund* alemã a fixar-se em 63.4 p.b., máximo de três meses.

Nos EUA, apesar do crescimento económico anualizado mais moderado no terceiro trimestre, a manutenção da inflação elevada e um mercado de trabalho robusto justificam as expectativas do anúncio da alteração da política monetária já em novembro, o que se traduziu na subida de 11.8 p.b. da *yield* a 10 anos (1.60%).

Europa e EUA: Taxas de dívida soberana a 10 anos (%)

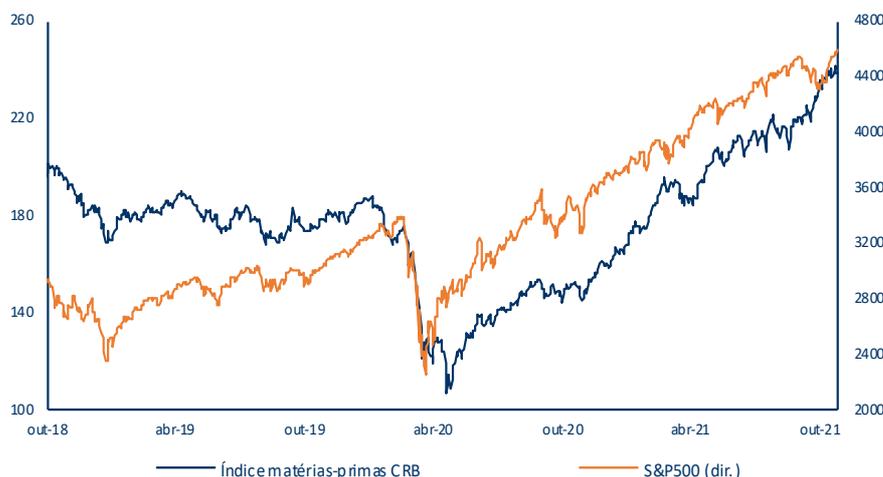


Nos **mercados acionistas**, apesar dos riscos atuais de aumento de preços e taxas de juro, a volatilidade dos índices de ações continuou a diminuir para os valores mais baixos desde o início da pandemia. Neste mês verificaram-se novos máximos históricos nos EUA e na Europa, onde o *S&P500* e o *Eurostoxx600* encerraram com o melhor desempenho mensal de 2021 (+6.6% e +3.7%, respetivamente). Os resultados empresariais trimestrais superaram as expectativas de mercado; as preocupações com as cadeias de distribuição e os preços das matérias-primas ainda não tiveram reflexo nos resultados. No que diz respeito aos índices nacionais, o *PSI20* português destacou-se com uma valorização de 4.9%, seguido pelo *MIB* italiano (+3.9%) e o *CAC* francês (3.7%). A nível de setores, as apreciações foram transversais, com os ganhos maiores nas *utilities* (+8.4%) e *serviços financeiros* (+7.3%). Nos países emergentes, o *MSCI* subiu 1.8%, com comportamentos distintos entre regiões. Enquanto o *Bovespa* brasileiro terminou com uma queda de 4.8% face aos receios com o descontrolo fiscal, o *BIST* da Turquia valorizou 8.7% influenciado por um corte de taxa diretora mais agressivo que o antecipado.

Nos **mercados cambiais**, tanto o *euro* como o *dólar* efetivo depreciaram-se em outubro (-0.9% e -0.8% respetivamente), sendo o principal destaque a apreciação da *libra* inglesa (+1.7% e +2.3% contra as duas moedas anteriores). Os últimos indicadores económicos apontam para um crescimento do PIB acima do esperado, ao mesmo tempo que as projeções para a taxa de desemprego e o défice orçamental por parte do governo foram revistas em baixa.

No que concerne às **matérias-primas**, verificou-se uma valorização da classe energética e dos metais preciosos. A cotação do petróleo (*brent*) manteve a tendência ascendente ao valorizar 6.9%, para \$84.2/bbl, atingindo o máximo desde outubro de 2018. Nos metais base, destaque para a prata e o zinco que valorizaram 8.3% e 12.9%, com todo o segmento a beneficiar tanto da maior procura empresarial a nível global, como da escassez do lado da oferta.

Evolução da cotação do S&P500 (índice) e índice de matérias-primas CRB (\$)

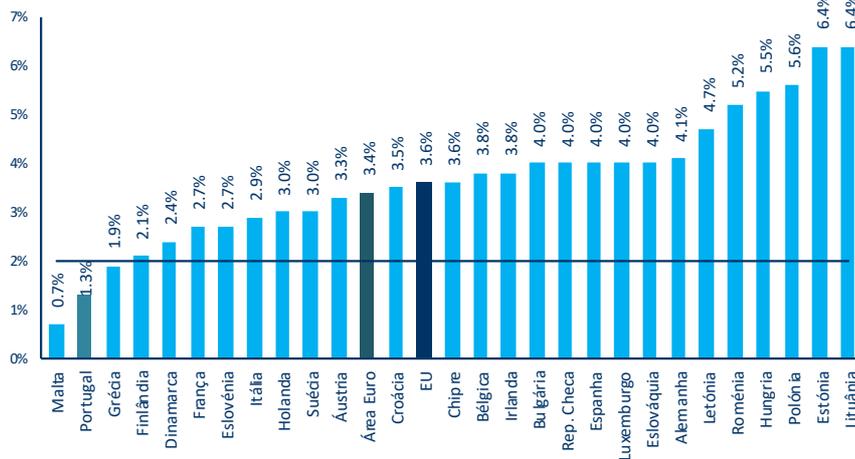


2. Temas da semana

2.1 Portugal e Área Euro - Índice de preços no consumidor - diferente evolução (setembro)

Em setembro, 24 estados membros da União Europeia (UE) registaram uma variação homóloga do índice harmonizado de preços no consumidor superior ao objetivo do Banco Central Europeu (BCE). A variação esteve compreendida entre os 0.7% de Malta e os 6.4% da Estónia e da Lituânia. Portugal foi um dos três países, para além de Malta e da Grécia, onde a variação foi inferior àquele referencial. Ainda no universo da UE, 19 países registam uma variação homóloga superior a 3.0%, o que não ocorria desde meados de 2011, quando o BCE decretou os dois últimos incrementos da taxa refi.

União Europeia: Índice harmonizado de preços no consumidor (vh%)

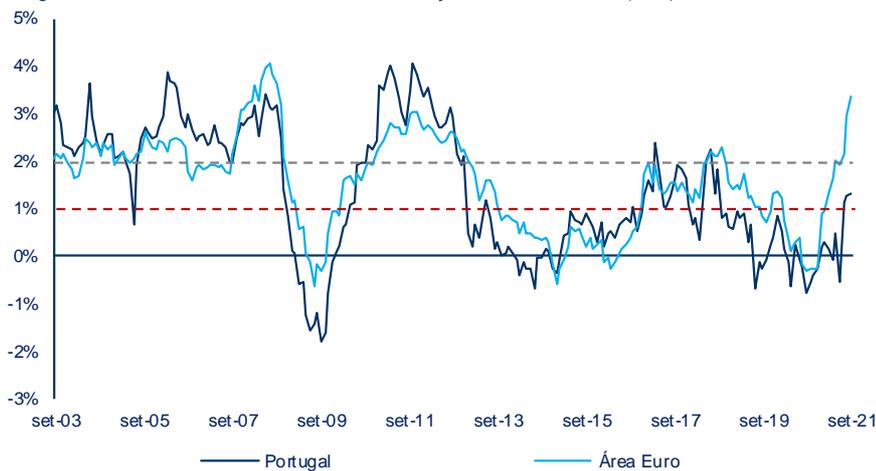


Fonte: Eurostat

A inflação na Área Euro atingiu recentemente 3.4%, em termos homólogos, a leitura mais elevada desde setembro de 2008. Nessa altura, ao contrário do que atualmente se verifica, a inflação portuguesa encontrava-se alinhada com a registada no caso da Área Euro. Atualmente, o crescimento dos preços em Portugal diverge substancialmente do verificado na Área Euro e ainda mais na União Europeia, com uma variação de 1.3% no mês em análise.

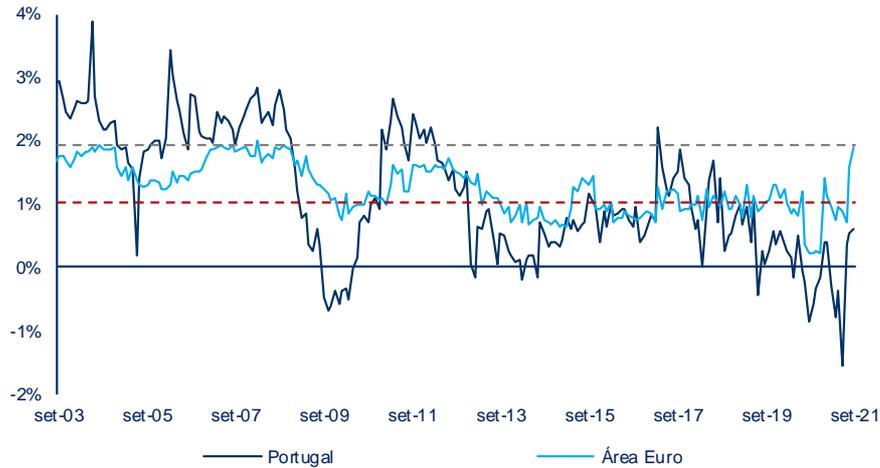
A discrepância é igualmente visível no caso da inflação subjacente, medida que exclui dois dos itens mais voláteis do cabaz: produtos alimentares não transformados e a energia. Em Portugal, esta medida de crescimento dos preços fixou-se em 0.5% no mês passado, valor que compara com 1.9% na Área Euro e 2.1% ao nível da UE.

Portugal e Área Euro: Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (vh%) - total



Fonte: Eurostat

Portugal e Área Euro: Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (vh%) - subjacente

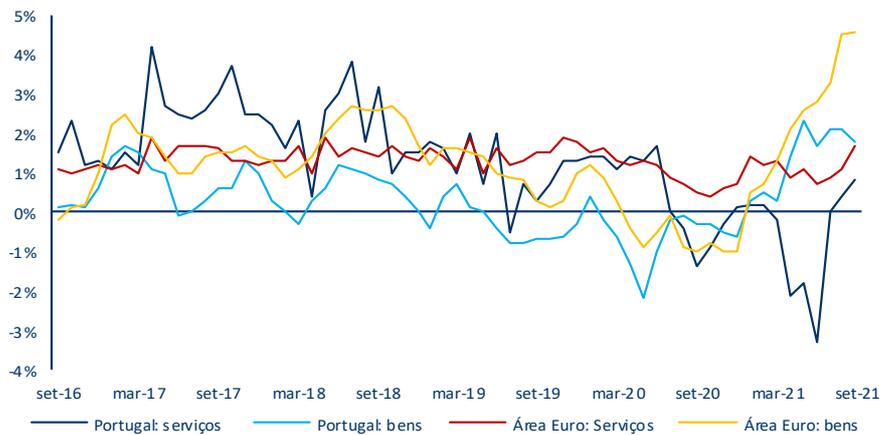


Fonte: Eurostat

A diferente evolução da inflação em Portugal e na Área Euro acentuou-se a partir de 2018 e intensificou-se com a pandemia e já em 2021. A principal razão para esta discrepância prendeu-se com a evolução da componente respeitante aos serviços.

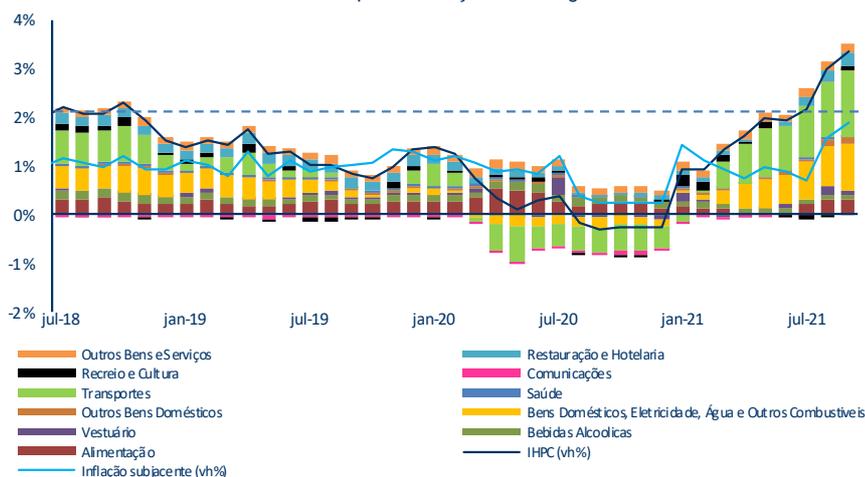
Esta diferença percebe-se melhor quando é apresentada a decomposição de segundo nível. Devido ao peso na economia, a *restauração e hotelaria* revelou em Portugal, em 2020 e 2021, dois períodos de contributo muito negativo, enquanto os *bens domésticos, eletricidade, água e outros combustíveis* também não revelaram aumento tão expressivos como noutros países da Área Euro.

Portugal e Área Euro: Inflação no consumidor (vh%) - bens e serviços



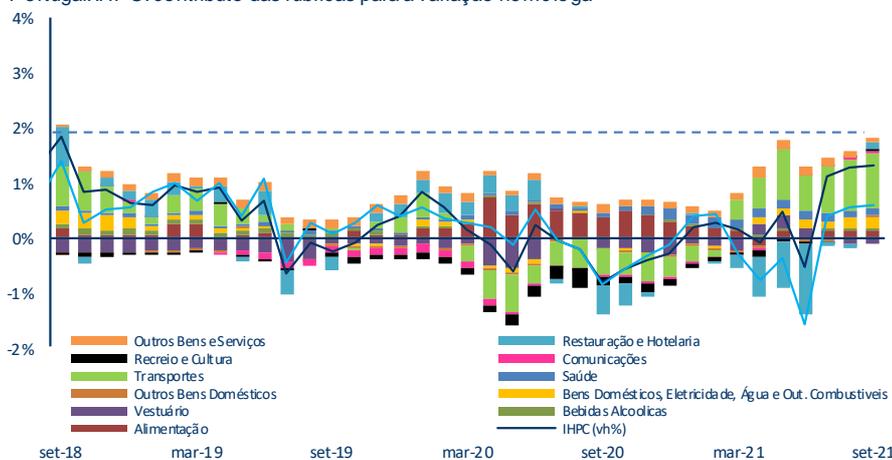
Fonte: Eurostat

Área Euro: IHPC: contributo das rubricas para a variação homóloga



Fonte: Eurostat

Portugal: IHPC: contributo das rubricas para a variação homóloga



Fonte: Eurostat, INE

2.2 Portugal - Estatísticas de Preços da Habitação ao nível local - 2.º trimestre de 2021

O INE divulgou esta semana o **Relatório das Estatísticas de Preços da Habitação ao nível local**, onde reporta a evolução dos preços das habitações, novas ou existentes, até ao segundo trimestre de 2021. O relatório encontra-se dividido pelas diferentes regiões do país.

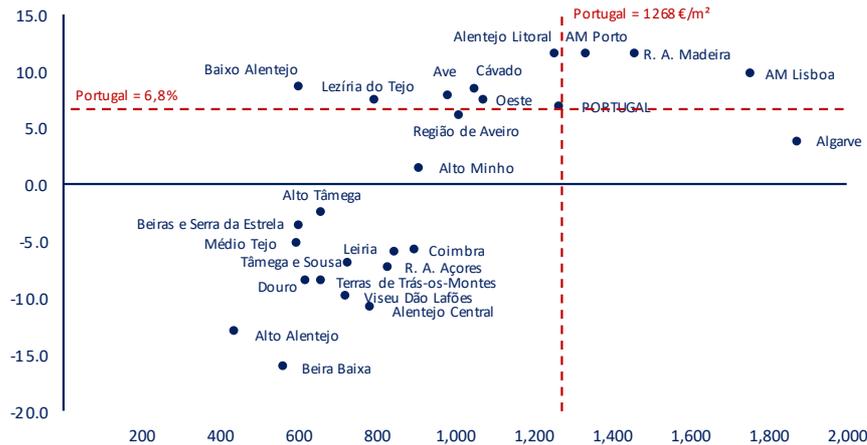
De acordo com este Relatório, no segundo trimestre de 2021 o preço mediano dos alojamentos familiares em Portugal foi de €1268/m², o que corresponde a um crescimento em cadeia de 2.2% face ao primeiro trimestre de 2021, enquanto em comparação com o período homólogo a variação foi de 6.8% (3.1% no trimestre anterior). A leitura de variação homóloga interrompeu a tendência de desaceleração dos preços no mercado imobiliário que se verificava em Portugal desde o início da pandemia.

No período em análise, as quatro sub-regiões com os preços mais elevados foram o Algarve (€1875/m²), a Área Metropolitana de Lisboa (€1757/m²), a Região Autónoma da Madeira (€1460/m²)

e a Área Metropolitana do Porto (€1333/m²), as quais registaram taxas de variação homóloga de 3.8%, 9.7% e 11.5% nos dois últimos casos, respetivamente.

Para além destas regiões, o Alentejo Litoral também apresentou a variação homóloga mais elevada (11.5%) averbando um preço ligeiramente inferior ao do país (€1254/m²). Apesar da inversão de tendência, mais de metade das regiões registaram uma diminuição homóloga no trimestre, com destaque para a Beira Baixa (-16.2%) e o Alto Alentejo (-13.0%), que apresenta simultaneamente o menor preço mediano das vendas com €436/m².

Portugal: Valores e crescimento dos preços da habitação (NUTS III)

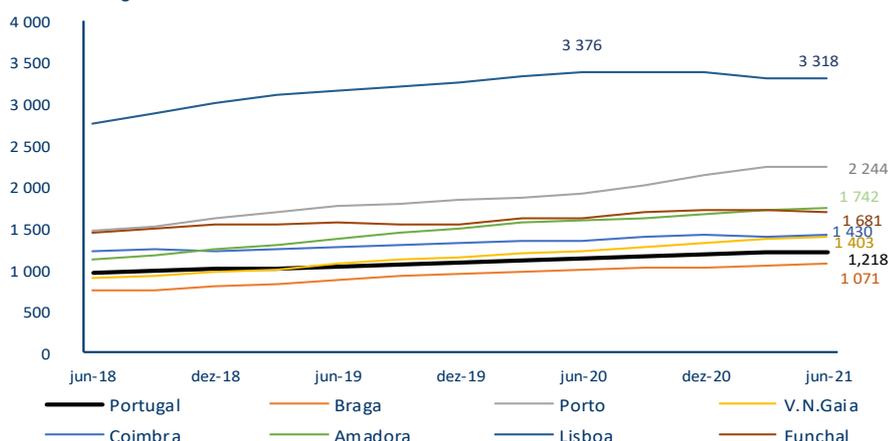


Fonte: INE

Entre as cidades com mais de 100 000 habitantes, e ao contrário do trimestre anterior, todas as cidades registaram variações homólogas positivas. A cidade de Lisboa continua a apresentar uma taxa de variação homóloga muito inferior ao registado a nível nacional (+1.4%), acentuando a tendência de desaceleração dos preços da habitação que se verifica desde o quarto trimestre de 2018.

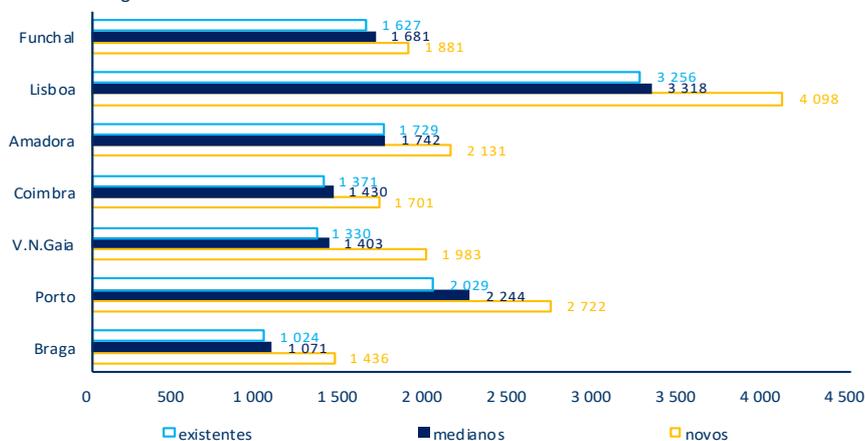
Alguns dos municípios da A.M do Porto registaram as variações homólogas mais elevadas, casos de Maia ou Matosinhos, com taxas de 16.8% e 15.4%. Já a cidade do Porto teve um crescimento de preços de 5.1%. Salienta-se assim uma tendência semelhante em Lisboa e no Porto, de maior agravamento de preços nos concelhos limítrofes. A cidade de Lisboa continua a registar a maior diferença entre os preços de alojamentos novos (4098 €/ m²) e de alojamentos existentes (3256 €/ m²).

Portugal: Valor mediano das vendas €por m² de alojamentos familiares
Portugal e cidades com mais de 100 000 habitantes



Fonte: INE

Portugal: Valor mediano das vendas €por m² de alojamentos familiares
Portugal e cidades com mais de 100 000 habitantes



Fonte: INE

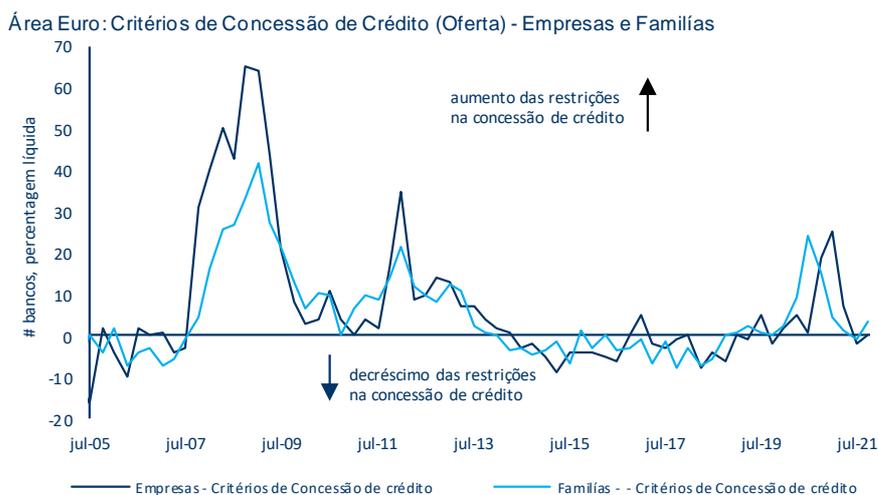
2.3 BCE e BdP - Inquérito aos Bancos sobre o Mercado de Crédito - 3.º trimestre de 2021

De acordo com o *Bank Lending Survey* divulgado pelo BCE, no terceiro trimestre de 2021 os bancos da **Área Euro** mantiveram os **critérios de concessão de crédito** praticamente inalterados para as **empresas**, tendo, contudo, relembado que haviam tornado os critérios mais restritivos no primeiro trimestre do ano devido à pandemia. Esta evolução reflete a perceção por parte dos bancos que, apesar dos constrangimentos nas cadeias de produção, de uma visão equilibrada dos riscos de crédito, tendo em consideração a recuperação económica nos últimos trimestres e o apoio das autoridades a nível monetário, orçamental e de supervisão. Nos próximos três meses, os bancos esperam um ligeiro agravamento das condições de concessão de crédito.

Quanto às **famílias**, após um alívio nos trimestres anteriores, observou-se uma maior restritividade dos critérios para a concessão de crédito no segmento da habitação, enquanto a do segmento do consumo permaneceu praticamente inalterada. Para os empréstimos à habitação, esta alteração está relacionada com a *tolerância para com o risco e o custo de fundos e restrições do balanço*. Nos próximos três meses, espera-se um novo aperto das condições para a habitação.

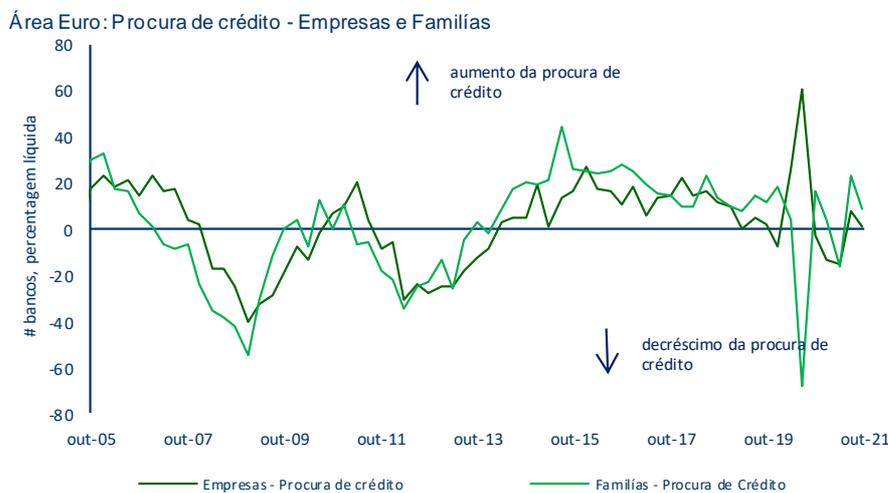
A **procura** de empréstimos ou linhas de crédito por parte das **empresas** sofreu poucas alterações em relação ao trimestre anterior, com contributo positivo das *necessidades de financiamento das empresas para investimento fixo, o baixo nível geral das taxas de juro, fusões e aquisições e refinanciamento e reestruturação da dívida*. Nos próximos três meses, os bancos esperam um aumento da procura de crédito por parte das empresas.

Por parte das **famílias**, a procura de empréstimos continuou em território de crescimento no terceiro trimestre em ambos os segmentos, contudo de forma mais moderada. A *evolução da confiança dos consumidores, o baixo nível geral das taxas de juro e as perspetivas do mercado imobiliário* contribuíram positivamente para a procura de empréstimos por parte das famílias. Nos próximos três meses, os bancos esperam que a procura por crédito não sofra grandes alterações.



Fonte: BCE

última observação: 3º trimestre de 2021



Fonte: BCE

última observação: 3º trimestre de 2021

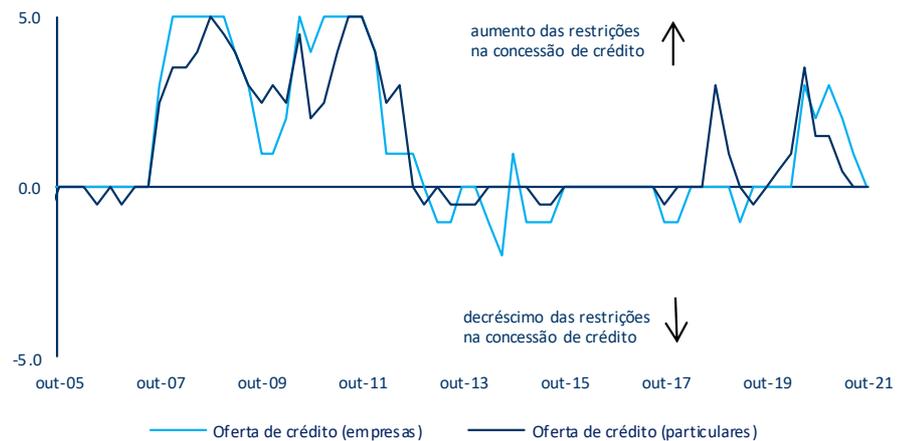
Em **Portugal**, o inquérito aos bancos sobre o mercado de crédito relativo ao terceiro trimestre revelou que ao nível da oferta de crédito às **empresas**, os cinco bancos inquiridos mantiveram os **critérios** de concessão sem alterações face ao trimestre anterior, em função de uma menor *perceção de riscos associados à situação e perspetivas de setores ou empresas específicos e riscos quanto ao contexto e perspetivas económicas gerais e às garantias exigidas*.

No que concerne às **famílias**, também não se verificaram alterações no trimestre com os critérios de concessão a permanecerem inalterados tanto no segmento do crédito à habitação como de consumo. A expectativa dos bancos é que no próximo trimestre não existam alterações.

Ao nível da **procura**, em termos líquidos registou-se uma redução por parte das empresas, sobretudo por parte de grandes empresas e nos empréstimos de curto prazo, devido ao decréscimo das *necessidades de financiamento do investimento*. No terceiro trimestre de 2021, os bancos esperam que a procura aumente.

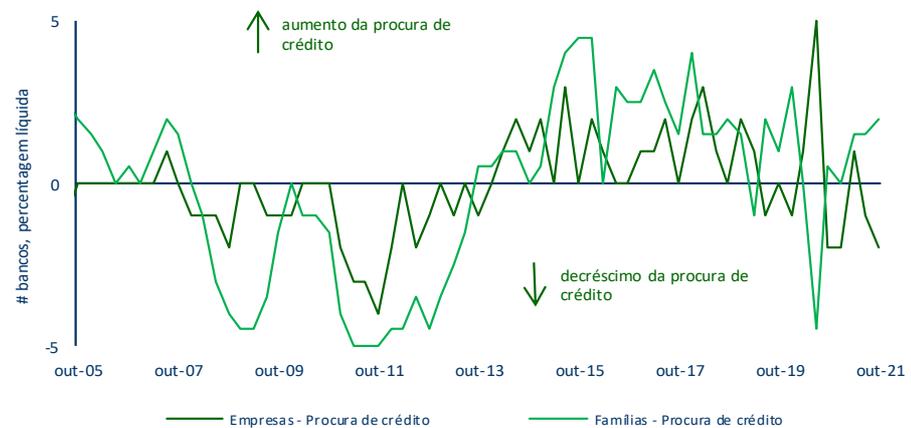
No caso das famílias, tanto a procura, como as expectativas por crédito, aumentaram nos segmentos de crédito à habitação e ao consumo, mais acentuado no segundo caso, em função da melhoria da confiança e nível de taxa de juro reduzidas.

Portugal: Inquérito aos Bancos sobre Mercado de Crédito: oferta



Fonte: Banco de Portugal

Portugal: Inquérito aos Bancos sobre Mercado de Crédito: procura



Fonte: Banco de Portugal

2.4 Setor bancário europeu e mundial - cotações acionistas

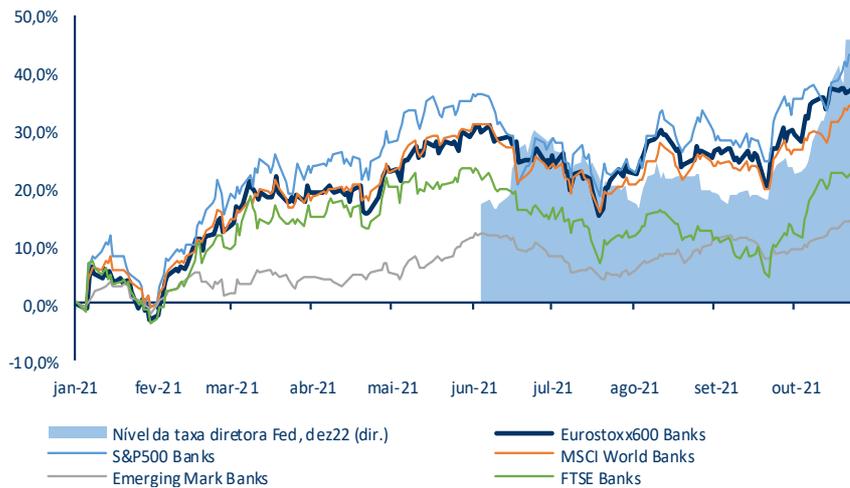
A valorização das ações do setor bancário registou recentemente uma nova aceleração do ritmo altista que tem vindo a revelar desde o início do ano, parecendo beneficiar de um conjunto alargado de fatores.

O aumento da atividade dos mercados de capitais com a maior procura por ativos de risco favoreceu o setor financeiro, graças ao aumento das transações, com impacto nas comissões e resultados de trading. O ambiente de taxas de juro quase nulas, justificado pelo facto dos principais bancos centrais não quererem alterar de forma brusca as condições financeiras, contribui para promover o investimento em ativos de risco.

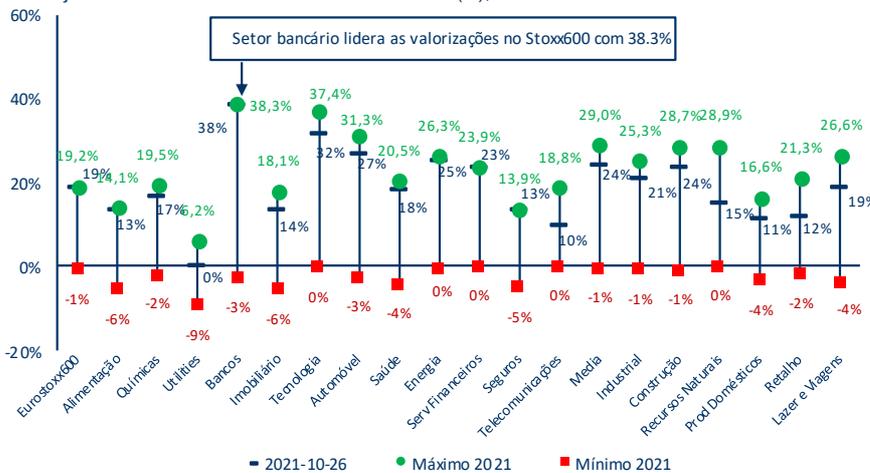
Adicionalmente, a necessidade das empresas recorrerem a um maior volume de crédito, na angariação de fundos ou na cobertura de riscos comerciais constitui um impacto positivo para o setor. O ritmo de expansão mais elevado da atividade económica aliado ao aumento do consumo por parte das famílias conduz tradicionalmente a ganhos da margem financeira.

A expectativa de aumento de taxas de juro diretas nos EUA (e não só) até ao final do ano está na origem da valorização acentuada desde setembro. Apesar das preocupações evidenciadas durante o verão com as pressões inflacionistas e o aumento de casos de COVID-19, estes riscos foram superados com a continuação da retoma do mercado de trabalho e da atividade económica nos EUA. Na Europa, apesar de mais contido, o aumento de yields das obrigações soberanas antecipa igualmente uma alteração da política monetária por parte do BCE.

Principais índices setor bancário YTD (dez20=100) e taxa implícita da Fed



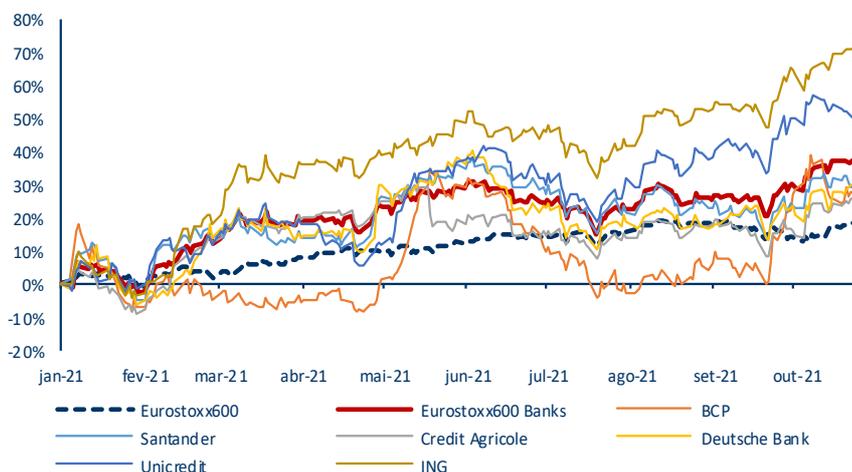
Evolução dos índices setoriais do Eurostoxx600 (%), 2020-2021



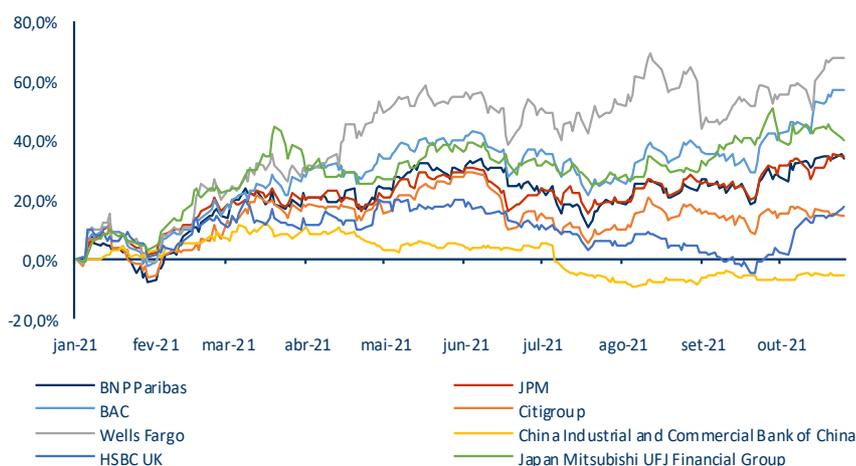
Os setores cíclicos (*bancos ou automóvel*) continuam a beneficiar do ciclo de recuperação com o setor bancário do *S&P500* a valorizar 43% desde o início do ano, ganho superior aos 38% do setor europeu. O índice *EuroStoxx600 Banks* atingiu esta semana o nível mais elevado desde maio de 2019, anulando a desvalorização sofrida durante a pandemia. O rácio *banks-to-Stoxx600* fixou-se no patamar mais elevado desde março de 2020. Sublinhe-se que o crescimento dos *earnings per share* deste setor excede a média do mercado. Os bancos dos mercados emergentes apresentam variações mais modestas em termos anuais, com destaque negativo para os bancos chineses, cuja divergência com os congéneres dos mercados desenvolvidos tem-se acentuado com o aumento da instabilidade creditícia, em particular ao setor imobiliário.

Com o aumento global de yields de longo prazo a beneficiar o setor bancário, as maiores variações anuais são justificadas por eventos específicos de empresa, como programas de recompra de ações, eventos de fusões ou adoção de planos estratégicos e de recuperação. Em muitos casos, as valorizações elevadas refletem igualmente o efeito base muito baixo, dado que o setor foi particularmente penalizado caindo -24,5% em 2020 (atingiu um mínimo de -44.7% em abril).

Evolução de alguns bancos europeus (2021, % YTD)



Comparação da evolução de bancos internacionais (2021, % YTD)



3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 29 de outubro às 12h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-20	30-set-21	22-out-21	29-out-21	2021 YTD	Mês	Semana
EURIBOR Act/360 dias							
1 mês	-0,554	-0,563	-0,563	-0,557	↓ -0,003	↑ 0,006	↑ 0,006
3 Meses	-0,545	-0,545	-0,549	-0,553	↓ -0,008	↓ -0,008	↓ -0,004
6 Meses	-0,526	-0,528	-0,534	-0,527	↓ -0,001	↑ 0,001	↑ 0,007
12 Meses	-0,499	-0,488	-0,471	-0,455	↑ 0,044	↑ 0,033	↑ 0,016
LIBOR USD Act/360 dias							
LIB 1 mês	0,144	0,080	0,088	0,087	↓ -0,057	↑ 0,007	↓ -0,001
LIB 3 meses	0,238	0,130	0,125	0,129	↓ -0,110	↓ -0,002	↑ 0,004
LIB 6 meses	0,258	0,159	0,172	0,180	↓ -0,078	↑ 0,021	↑ 0,008
LIB 12 meses	0,342	0,237	0,317	0,332	↓ -0,010	↑ 0,096	↑ 0,015

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-20	30-set-21	22-out-21	29-out-21	2021 YTD	Mês	Semana
Portugal	0,030	0,355	0,410	0,538	↑ 0,508	↑ 0,183	↑ 0,128
Espanha	0,047	0,459	0,528	0,607	↑ 0,560	↑ 0,148	↑ 0,079
Grécia	0,628	0,877	1,037	1,320	↑ 0,692	↑ 0,443	↑ 0,283
Itália	0,543	0,858	0,999	1,181	↑ 0,638	↑ 0,323	↑ 0,182
França	-0,338	0,155	0,233	0,270	↑ 0,608	↑ 0,115	↑ 0,037
Alemanha	-0,569	-0,199	-0,105	-0,096	↑ 0,473	↑ 0,103	↑ 0,009
Reino Unido	0,197	1,022	1,145	1,043	↑ 0,846	↑ 0,021	↓ -0,102
Suíça	-0,550	-0,164	-0,044	-0,013	↑ 0,537	↑ 0,151	↑ 0,031
EUA	0,913	1,487	1,632	1,605	↑ 0,692	↑ 0,118	↓ -0,028
Japão	0,021	0,072	0,097	0,099	↑ 0,078	↑ 0,027	↑ 0,002

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-20	30-set-21	22-out-21	29-out-21	2021 YTD	Mês	Semana
Eurostoxx 600	399	455	472	472	↑ 18,2%	↑ 3,7%	↓ 0,0%
IBEX	8074	8796	8906	8968	↑ 11,1%	↑ 2,0%	↑ 0,7%
CAC	5551	6520	6734	6761	↑ 21,8%	↑ 3,7%	↑ 0,4%
DAX	13719	15261	15543	15526	↑ 13,2%	↑ 1,7%	↓ -0,1%
FTSE	6461	7086	7205	7221	↑ 11,8%	↑ 1,9%	↑ 0,2%
PSI20	4898	5461	5774	5731	↑ 17,0%	↑ 4,9%	↓ -0,7%
S&P 500	3756	4308	4545	4596	↑ 22,4%	↑ 6,7%	↑ 1,1%
Nasdaq	12888	14449	15090	15448	↑ 19,9%	↑ 6,9%	↑ 2,4%
Topix	1805	2030	2002	2001	↑ 10,9%	↓ -1,4%	↓ -0,1%
MSCI Emerg	1291	1253	1293	1276	↓ -1,2%	↑ 1,8%	↓ -1,3%
Shanghai	3473	3568	3583	3547	↑ 2,1%	↓ -0,6%	↓ -1,0%

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-20	30-set-21	22-out-21	29-out-21	2021 YTD	Mês	Semana
EUR/USD	1,2216	1,1580	1,1643	1,1650	↓ -4,6%	↑ 0,6%	↑ 0,1%
EUR/JPY	126,18	128,88	132,18	132,51	↑ 5,0%	↑ 2,8%	↑ 0,2%
EUR/GBP	0,8937	0,8593	0,8465	0,8451	↓ -5,4%	↓ -1,7%	↓ -0,2%
EUR/CHF	1,0812	1,0786	1,0666	1,0615	↓ -1,8%	↓ -1,6%	↓ -0,5%
EUR/AOA	795,17	701,91	702,20	702,58	↓ -11,6%	↑ 0,1%	↑ 0,1%
EUR/MZN	91,50	73,93	74,53	74,43	↓ -18,7%	↑ 0,7%	↓ -0,1%
Petróleo (Brent \$)	51,17	78,77	84,99	84,24	↑ 64,6%	↑ 6,9%	↓ -0,9%
Ouro (\$)	1898,36	1756,95	1792,65	1795,75	↓ -5,4%	↑ 2,2%	↑ 0,2%
Prata (\$)	26,40	22,17	24,32	24,01	↓ -9,1%	↑ 8,3%	↓ -1,3%
Cobre (\$)	351,90	408,90	449,80	444,30	↑ 26,3%	↑ 8,7%	↓ -1,2%
Soja (\$)	1315,25	1256,00	1220,50	1236,75	↓ -6,0%	↓ -1,5%	↑ 1,3%
Milho (\$)	484,00	536,75	538,00	564,00	↑ 16,5%	↑ 5,1%	↑ 4,8%

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.